



## LEITURA SOCIOLÓGICA DA BÍBLIA: A PERSPECTIVA PÓS/DES-COLONIAL

(Sociological reading of the Bible: the post/de-colonial perspective)

### Eduardo Sales de Lima

Doutorando e Mestre em Bíblia pelas Faculdades EST (São Leopoldo/RS)

Especialista em Diálogo Inter-Religioso pelo Instituto Teológico de Santa Catarina (ITESC)

Professor convidado na Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC/PR)

Professor titular no Centro de Treinamento do Magistério do Paraná (CETEPAR)

E-mail: cetepar@hotmail.com

### RESUMO

O objetivo desse trabalho é propor uma leitura sociológica que inclua a perspectiva pós/des-colonial no processo de interpretação da Bíblia. Uma das principais críticas realizadas pela perspectiva pós/des-colonial é a influência do Eurocentrismo. Afirma que os métodos Europeus não devem ser usados como regra para o contexto Latino-Americano e que a leitura sociológica, desenvolvida principalmente a partir de Marx e Weber, foi suficiente para explicar nossa realidade. Assim, apresento um breve histórico da leitura sociológica da Bíblia e a ausência de elementos relevantes a ser incluídos pela perspectiva pós/des-colonial. Num segundo momento será apresentada a reflexão pós/des-colonial e suas principais contribuições para o método de leitura sociológica da Bíblia. A intenção é propor o esboço de hermenêutica pós/des-colonial. Na conclusão apresento um exercício de interpretação sociológica da Bíblia em perspectiva pós/des-colonial.

**Palavras-chave:** Pós/Des-colonial; Leitura Sociológica; Bíblia.

### ABSTRACT

The purpose of this work is to propose a sociological reading that includes the pós/des-colonial perspective in the Bible interpretation process. One of the main critics accomplished by the pós/des-colonial perspective is the Eurocentrism's influence. It affirms that European methods should not be used as a rule for the Latin-American's context and that the sociological reading, mainly developed based on Marx and Weber, was enough to explain our reality. Then, I present a short historical of Bible's sociological reading and the absence of relevant elements to be included by the pós/des-colonial perspective. In a second moment, it will be presented the pós/des-colonial reflection and their main contributions for the sociological method of reading the Bible. The intention is to propose a sketch of pós/des-colonial hermeneutics. In conclusion, I present a sociological interpretation's exercise of the Bible in a post/de-colonial perspective.

**Keywords:** Post/De-colonial; Sociological Reading; Bible.

## INTRODUÇÃO

A inclusão do método pós/des-colonial como procedimento hermenêutico, representa uma ferramenta atual, contextualizada e indispensável para o pesquisador brasileiro. O pensamento pós/des-colonial tem sido desenvolvido em diversas universidades do sul mundial. A relevância dessa inclusão está na aproximação contextual à realidade latino-americana pós-colonial. Baseia-se na constatação de que a desocupação das colônias não encerrou com a saída dos colonizadores. Restou a colonialidade como forma de filtro para a realidade. Uma



epistemologia eurocêntrica presente nas formas de interpretação que precisa ser revista urgentemente. Para essa aproximação usar-se-á elementos da reflexão de Quijano, Boaventura, Ballestrin, Guerrero Ramos, Chimamanda Adichie e Spivac. E, a título de conclusão, pretende-se apresentar uma amostra de interpretação que considere o método pós/des-colonial.

## 1. O MÉTODO SOCIOLÓGICO: DA EVOLUÇÃO À CONTRARREVOLUÇÃO

O senso comum liga o surgimento do método sociológico de leitura da Bíblia com a aproximação de pensadores da sociologia europeia e norte-americana. O início do movimento é difícil precisar, entretanto, Gerd Theissen afirma que foi a metodologia historiográfica que motivou o início dos estudos sobre as sociedades bíblicas<sup>1</sup>. Claro que o local de pesquisa de Theissen é o pensamento europeu, assim, sua compreensão situa o início da leitura sociológica no método histórico que evoluiu para o método histórico-crítico e assimilou os desenvolvimentos sociológicos em suas leituras. Nessa perspectiva, pode-se afirmar que os escritos sociológicos de Karl Marx e de Max Weber influenciaram o que conhecemos como leitura sociológica da Bíblia.

Pesquisadores como Albrecht Alt, Martin Noth e Norman K Gottwald, iniciaram as leituras sociológicas sobre as tribos de Israel. No livro, *As tribos de Javé: Uma Sociologia da Religião de Israel liberto 1250-1050 a.C.* (1979), mais de 100 anos após o manifesto comunista, Gottwald escreveu um tópico sobre o escândalo do método sociológico de leitura da Bíblia e as dificuldades de aplicar um método científico para compreensão da narrativa bíblica. Gottwald afirma a relevância do pensamento sociológico, principalmente de Marx, Durkheim e Weber, na formação da análise sociológica da Bíblia<sup>2</sup>.

Nesse compasso, Gerd Theissen<sup>3</sup> apresenta três impulsos da sociologia. O impulso da sociologia interpretativa, que segue a orientação Weberiana de que nossos conceitos e teorias não são um retrato da sociedade, mas uma interpretação. O impulso da sociologia de Marx, que parte de uma leitura materialista da realidade. Economia e materialidade são a infraestrutura que influencia a sociedade, chamada superestrutura. Divide a sociedade em classes, e, na luta pelo poder, estabelece a teoria do conflito social. O terceiro impulso vem da sociologia funcionalista, uma leitura que analisa a influência da religião na sociedade.

Linhas de pesquisa como as citadas geralmente são aceitas. Mas, será que não deveríamos perguntar, antes de tudo, sobre a validade da abordagem de Theissen e Gottwald para a nossa realidade? Um simples olhar sobre essa breve introdução e percebe-se diversos elementos de validade universal aceitos como história única, sem questionamento. Em seu discurso produzido pela TED, *Tecnology, Entertainment and Design*, realizado em 2009 e publicado posteriormente no Youtube<sup>4</sup>, a escritora nigeriana Chimamanda Adichie fala sobre os perigos

<sup>1</sup> THEISSEN, Gerd. Sociologia da Cristandade Primitiva. Série: Estudos Bíblico-Teológicos NT 10. São Leopoldo:Sinodal, 1987. p. 10.

<sup>2</sup> GOTTWALD, Norman. As Tribos de Javé: Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C., São Paulo: Paulinas, 1986. p. 29.

<sup>3</sup> THEISSEN, Gerd. Sociologia da Cristandade Primitiva. Série: Estudos Bíblico-Teológicos NT 10. São Leopoldo:Sinodal, 1987. p.25-35.

<sup>4</sup>TED. Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>. Acesso em 01/10/2016.



de uma história única. Uma das principais acusações levantadas pelo pensamento pós/des-colonial: o eurocentrismo<sup>5</sup>.

Será que o método sociológico realmente nasceu e se desenvolveu na Europa e EUA? As obras ditas clássicas de Alt, Noth e Gottwald não parecem distantes do método sociológico latino-americano? E as obras de Marx e Weber? Será que, como método sociológico, são suficientes para explicar realidade? Parafraseando Guerreiro Ramos<sup>6</sup>, é preciso entender que o método sociológico para realidade latino-americana precisa proporcionar um meio de controle do patrimônio sociológico alienígena que possibilite assimilação crítica para superar condicionamentos e sociologias universalizantes.

Partindo de outra história possível, pode-se afirmar que o método sociológico de leitura da Bíblia nasceu na realidade colonial (África, América-Latina, Índia, Oriente-Médio). Não sem influências externas e, ao mesmo tempo, também não foram processos evolutivos, pesquisa e elaboração, mas crise e conflito social, as reais bases do método sociológico de leitura da Bíblia na América-Latina.

A teoria e experiência contra-hegemônica de Marx, as lutas de classe e resistência do proletariado contra a burguesia, foram lidas pelas colônias como conflito entre o colonizador e colonizado<sup>7</sup>. O método sociológico de leitura bíblica praticado na América-Latina não surge da perspectiva europeia, mas da experiência contextual, como formação de uma consciência crítica<sup>8</sup> pelo desenlace pós-colonial.

O método sociológico de leitura bíblica ganhou grande impulso com a teologia da libertação. Uma nova forma de ler a Bíblia. Leituras a partir dos conflitos onde pretende-se a continuidade dos ideais de resistência. As crises e sofrimentos das comunidades bíblicas tornam-se ânimo para realidades sociais de exploração. A validade do método nas práticas pastorais dos ambientes públicos foi decisiva para seu desenvolvimento. Entretanto, uma contra-revolução surgiu no cenário global e colocou em crise os projetos de libertação das colônias.

O fim das ditaduras, mudanças no cenário social, as desventuras políticas da esquerda, crise moral nos partidos dos trabalhadores e o enfraquecimento do socialismo mundial tornaram-se a base ideológica de construção de uma nova epistemologia para perpetuar o domínio do opressor. Até o discurso de defesa do outro tem sido questionado simplesmente por se identificar de alguma forma com o socialismo. Essa leitura tem promovido grande ambiguidade nos países onde a teologia da libertação se desenvolveu. Não houve enfraquecimento, mas abandono da teologia da libertação. Será que os oprimidos passaram a se ver pelo olhar do opressor? Artigos e críticas proliferaram e a teologia da libertação passou de mocinho a vilão. Não foi o enfraquecimento da teologia da libertação, mas apenas o

<sup>5</sup> Ideologia que defende a Europa como centro do mundo evoluído que leva o verdadeiro sentido para as nações “subdesenvolvidas”.

<sup>6</sup> RAMOS, Guerreiro. *A Redução Sociológica*. RJ: UFRJ, 1996, p.11

<sup>7</sup> SANTOS, Boaventura de Souza. Palestra disponível no you-tube. É possível descolonizar o marxismo? Capitalismo, colonialismo e patriarcado. Publicado em 15 de abr de 2016. Title/Título: É possível descolonizar o marxismo? Capitalismo, colonialismo e patriarcado. Speaker(s)/Oradore(s): Boaventura de Sousa Santos. Date/Data: 1 de abril de 2016

[https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=video&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiUvIP37YbNAhUCk5AKHckGDZIQtwIIHzAB&url=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3D79rUpXLI\\_NI&usq=AFQjCNGW2bUFNqsV3C8fpY0JSZj7\\_RQMPw&bvm=bv.123325700,d.Y2I](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=video&cd=2&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiUvIP37YbNAhUCk5AKHckGDZIQtwIIHzAB&url=https%3A%2F%2Fwww.youtube.com%2Fwatch%3Fv%3D79rUpXLI_NI&usq=AFQjCNGW2bUFNqsV3C8fpY0JSZj7_RQMPw&bvm=bv.123325700,d.Y2I)

<sup>88</sup> RAMOS, Guerreiro. *A Redução Sociológica*. RJ: UFRJ, 1996, p.48



reflexo do enfraquecimento da perspectiva socialista que Anibal Quijano chamou de contra-revolução global<sup>9</sup>, um retorno das estruturas de poder e opressão, mas agora, sem imposição da força, uma “contra-revolução”<sup>10</sup> epistêmica, oculta na lógica de mercado.

O resultado dessa contrarrevolução foi o enfraquecimento das leituras sociológicas substituídas por leituras generalizantes. Mesmo com o declínio da esquerda em diversos países a leitura sociológica da Bíblia continua popular na América Latina. Mas como continua? É uma leitura revolucionária ou apenas acadêmica? Uma leitura sociológica contra-hegemônica ou domesticada?

## 2. O MÉTODO SOCIOLÓGICO PÓS/DES-COLONIAL: FILTROS DE CONTROLE

O despertar pós/des-colonial tem surgido em diversas áreas, literatura, sociologia, antropologia, história, ciências políticas, direito, etc... Representa um olhar desconfiado para os valores universais externos. Não é a construção de uma nova verdade, uma nova universalização, mas o reconhecimento de que a verdade possui roupagens diferentes. Um método de controle, um outro caminho possível para abordagem sociológica.

Em linhas gerais, convencionou-se dizer que o início dessa reflexão surgiu com Gayatri Chakrabarty Spivak, Homi Bhabha e Edward Said, ou ainda, pouco mais cedo com os livros *Retrato do colonizado precedido de retrato do colonizador* (1947), de Albert Memmi, *Discurso sobre o colonialismo* (1950), de Césaire, e *Os condenados da terra* (1961), de Franz Fanon. Autores que, segundo Balestrin<sup>11</sup>, contribuíram para certa transformação epistemológica das ciências sociais.

Na sequência surgem, inclusive na América-Latina, diversas pesquisas pós/des-coloniais em ciências sociais, literatura, estudos culturais, arquitetura, educação e direito. Esse despertar iniciou um processo contínuo de libertação epistemológica difundido por pensadores contemporâneos das ex-colônias que continuam afrontando as formas de colonialidade do ser, do saber e do poder.

O projeto brasileiro, ao construir seu próprio caminho para uma leitura sociológica da Bíblia, precisa levar em consideração seu contexto histórico. Toda nossa história está comprometida com ideais eurocêntricos. O próprio nome de nosso país e a designação “índios”, ilustram bem a crise que se monta. Nossa epistemologia foi formada pelo colonizador, ideal que continua sendo alimento para as estruturas e lógicas capitalistas neoliberais que perpetuam a escravidão e exploração do povo.

Uma leitura sociológica da Bíblia que contemple a realidade brasileira precisa partir do ideal descolonial. Geralmente critica-se o brasileiro por que ele não lê, porque não tem cultura, mas não é verdade. Não é que não se tem cultura, mas que a cultura é diferente, centrada na emergência da vida sobre a realidade intelectual. A vida é sempre mais importante.

<sup>9</sup> QUIJANO, Anibal. *Colonialidad Del Poder, Globalización y Democracia*. Observatorio de Economía Social solidaria y popular. Universidade San Marcos. Disponível em < <http://economiasolidarias.unmsm.edu.pe/?q=art-culos/colonialidad-del-poder-globalizaci-n-y-democracia> > Acesso em 20/10/2016.

<sup>10</sup> QUIJANO, Anibal. Acesso em 20/10/2016.

<sup>11</sup> BALLESTRIN, Luciana. *América Latina e o giro decolonial*. Rev. Bras. Ciênc. Polít. no.11 Brasília May/Aug. 2013, p.92.



Outra consideração a notar é a diversidade cultural brasileira. A realidade brasileira é plural, por isso o caminho das universalizações torna-se excludente. É preciso construir caminhos de compreensão da realidade que seja filtrados pela experiência plural.

O método sociológico de interpretação deve ainda pesar o sofrimento com a corrupção, exploração e desigualdade tão presentes na sociedade brasileira.

A proposta de incluir o pensamento pós/dês-colonial no método sociológico tem como objetivo entender e revelar como a colonialidade afeta a interpretação. Não basta estudar os elementos sociológicos do mundo bíblico, é preciso decifrar os condicionamentos ocultos no olhar dos leitores à luz das formas atuais de colonialidade. Precisamos de um método sociológico que perceba a dominação colonial mesmo depois que os colonizadores “saíram”. O método sociológico precisa ler as relações onde o colonial não foi encerrado com o término do colonialismo<sup>12</sup> e filtrar a realidade pela reflexão pós/des-colonial.

### O Filtro da Classificação/Des-classificação

Uma das principais formas de dominação é a classificação social. Uma forma de dominação epistemológica que, de acordo com Quijano<sup>13</sup>, teve início com a dominação das Américas, onde o processo de classificação criou novas id-entidades, a Europa e a América. Na sequência surgiram várias outras identidades como o índio e o homem branco. Essas categorias estão baseadas em processos de classificação e dominação, de superioridade e inferioridade.

Hay entre el racismo en las relaciones sociales y la relación predatoria con la naturaleza, hay un parentesco epistémico básico porque se explota a los de raza y que son de naturaleza inferior y eso es pura naturaleza y por eso entre racismo y naturaleza hay una relación absolutamente fundacional e inherente. Verá, el poder tiene que ser descolonizado para que las relaciones predatorias con el resto del planeta puedan también ser también descolonizadas.<sup>14</sup>

Os métodos sociológicos alienígenas não foram suficientes para dar conta da realidade latino-americana. A relação de exploração continuou oculta na própria episteme, impedindo a possibilidade de ver outra história possível.

O processo de des-classificação é um processo qualificatório. Quando eu des-classifico, torno singular, respeito as diferenças e proponho inclusão. Muito diferente dos processos de classificação que promovem exclusão. Um exemplo claro é a incoerência no desenvolvimento da chamada doutrina da salvação, cuja episteme está repleta de valores classificatórios e excludentes. É possível perceber que nos evangelhos, por exemplo, não há relação entre salvação e classificação. Salvar não é classificar, mas libertar, des-classificar. O problema é que o termo assumiu sentido da tradição de eleição judaica em contexto de guerra e dominação, o resultado foi uma episteme relacionada com processos de exclusão, ou seja, o próprio conceito de salvação traz em si a condenação e exclusão.

<sup>12</sup>BALLESTRIN, Luciana. 2013, p.92.

<sup>13</sup>QUIJANO, Anibal. Colonialidade Del Poder y Clasificacion Social. *journal of world-systems research*, vi, 2, summer/fall 2000, 342-386

<sup>14</sup> QUIJANO, Anibal. Colonialidad del Poder y Des/Colonialidad del Poder. *XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*. 04/09/2009. Disponível em <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libros/51.pdf>.



A classificação surgiu como forma de controlar as diferenças e eliminar as ambiguidades<sup>15</sup>. A leitura sociológica da Bíblia precisa perguntar pelas relações classificatórias no texto e na realidade do leitor para entender como a episteme foi elaborada, como se desenvolvem os processos de dominação e a extensão dos danos. Um comentário europeu ou norte-americano não é uma proposta universal de interpretação, não representa a verdade única, como se outras verdades e realidades não existissem, como se a colonização fosse apenas algo do passado, como se a colonialidade e subjugação subjetiva não continuasse, como se subalternos e padrões tivessem a mesma história, ignorando as formas de exploração. Sem pensar a sociedade, a leitura deixa de ser sociológica e, copiando outras formas, passa a ser metódica. Os espaços de contra-revolução hegemônica precisam ser estudados. Os modelos universais precisam ser filtrados pela plural, as histórias únicas por novas histórias, as formas de colonialidade classificadora pela des-classificação.

De outra forma a episteme classificadora configura a realidade num processo contínuo de desvalorização e autodestruição, de forma a produzir uma contínua leitura negativa do povo brasileiro. Nossos processos, produções, reflexões, etc... Esses processos fazem com que a pesquisa e o desenvolvimento científico esteja sempre subjugado às epistemologias do Norte<sup>16</sup>. A leitura sociológica que não concebe a colonialidade apenas legítima e perpetua lógicas dominadoras e exploradoras.

### **3. O FILTRO DA CONFIANÇA/DESCONFIANÇA HEGEMÔNICA**

A des-classificação como método pressupõe os processos de Desconfiança Hegemônica. Uma leitura sociológica que compreenda a pluralidade do ser não concebe a história única, nem um único saber, uma episteme absoluta. Os muitos problemas políticos/sociais que na realidade brasileira parecem insolúveis acabam recebendo uma roupagem religiosa, assim, enquanto o histórico de sofrimento e exploração apresenta a possibilidade da desconfiança hegemônica, o mesmo histórico também impulsiona a uma política messiânica que acredita, por vezes cegamente, em promessas de libertação, ignorando as ambiguidades das relações e propiciando a continuidade das formas de exploração e domínio. Esse messianismo é profeta das estruturas de poder.

A leitura sociológica precisa superar a política messiânica, a episteme formadora de utopias que ocultam paternalismos hegemônicos. Com um messianismo que se constrói individualmente pela presença do Cristo Libertador em cada pessoa é possível afrontar as utopias hegemônicas. Um messianismo autônomo, doador de poder. Do contrário, o próprio Cristo Libertador se torna em instrumento de domínio e conquista, local de subjugação e de falsa esperança por meio de um messianismo patriarcal.

O método persiste em perguntar pelas estruturas e valores hegemônicos. Não apenas no texto mas na recepção histórica. Como esses valores influenciam a sociedade dos leitores. Será que uma leitura inocente às epistemologias hegemônicas não tende a produzir uma sociedade que vê a si mesma como inferiorizada e excluída, carente de um messias que a resgate de seus pecados? Será que essa lógica não se expande na realidade política de nosso país?

<sup>15</sup> QUIJANO, Anibal. 2000, 342-386.

<sup>16</sup> ALICE CES. 2016\_Master Class #1 - Epistemologias do Sul: Desafios Teóricos e Metodológicos. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=q75xWUBI8aY>>. Acesso em 01/10/2016.



Essa leitura deve ser construída a partir da diversidade, a partir da pluralidade, a partir dos saberes subalternos, a partir de uma epistemologia do sul<sup>17</sup>. O que isso significa? Libertação dos sistemas de confiança que manipulam realidade.

## 4. O FILTRO DA OBEDIÊNCIA\DESOBEDIÊNCIA EPISTÊMICA

Será que os métodos atuais de leitura sociológica realmente pensam a sociedade brasileira? Será que não estão subjugados pela epistemologia que escraviza a uma forma de pensar superficial e distante da realidade? A Desobediência Epistêmica é essencial para dar conta da realidade plural de nosso país.

Esse romper precisa acontecer na academia, nas ciências, no pensamento. É preciso que nossas universidades se tornem pluriversidades. É preciso que o saberes dos subalternos se posicionem para colorir a realidade, pois é impossível que a epistemologia construída em cinco países de conta da sociedade mundial<sup>18</sup>. Os cinco países produtores de epistemologia universalista não representam a pluralidade, pelo contrário, é o “resto” do mundo que, com certeza, representa essa maioria. Dai vemos o tamanho da falácia universalista que pretende apresentar a realidade como única a partir da versão das minorias para controlar as maiorias.

É preciso abandonar o método universal e construir nosso próprio método. Retornar para o momento de produção da Teologia da Libertação, perceber a influência epistemológica europeia, desobedecê-la e abrir a proposta de uma nova epistemologia, de um novo mundo possível, sem medo de ser diferente. A desobediência epistêmica é o caminho para se fazer ouvir a voz do subalterno<sup>19</sup>.

Precisamos da coragem de afirmar que as sociologias clássicas são na verdade sociologias europeias universalizantes que contém em sua epistemologia lógicas de domínio e ausência do discurso plural, por isso não servem para formação de uma leitura sociológica de nenhum outro lugar além da realidade em que foram produzidas, não servindo, muito menos, como um método de leitura sociológica da Bíblia para a realidade brasileira.

## 5. UM BREVE OLHAR A PARTIR DE UMA LEITURA PÓS/DES-COLONIAL DA BÍBLIA

A título de exemplo proponho um exercício de leitura sociológica pós/des-colonial da Bíblia. Para isso usarei a título de exemplo o texto de Mateus 4.19: "Jesus disse para eles: "Sigam-me, e eu farei de vocês pescadores de homens". A leitura será guiada pelos três filtros acima: desclassificação, desconfiança e desobediência.

O primeiro passo, a desclassificação, visualiza se o texto apresenta algum padrão de classificação. Se houver, como essa forma se relacionava com a sociedade na época em que o texto foi produzido e com a sociedade atual.

No verso acima a relação de classificação surge nos termos: *Jesus* e *eles*, demonstra um tipo de classificação na prática da comunidade cristã que distingue Jesus em relação àqueles que

<sup>17</sup> ALICE CES. Acesso em 01/10/2016.

<sup>18</sup> ALICE CES. Acesso em 01/10/2016.

<sup>19</sup> SPIVAC, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.



seriam seus discípulos. Era uma classificação necessária para a comunidade, mas que tornou-se paternalista e messiânica. Essa era a intenção de Jesus em seu relacionamento com os discípulos? Ou essa foi a intenção da igreja na busca de manutenção do seu domínio? A sociedade, subjugada pelas autoridades, sempre se viu inferiorizada. Na identificação de Jesus com uma autoridade distinta, a inferiorização perpetuou-se. Essa classificação afasta a pessoa de Deus. O próprio evangelho promove a des-classificação dessa relação. O fortalecimento dos discípulos depende da compreensão do sagrado em suas vidas, na compreensão de que o messias vive em cada um. Não um Deus por nós, paternalista, messiânico que nos inferioriza, mas um Deus conosco, que nos valoriza, que se identifica, um de nós, um igual.

Outra relação de classificação surge com o termo *Pescadores*. Classificação passada, inclusive, de pai para filho, perpetuando as condições de controle social. Era o que Chimamanda Adichie chamou de história única. Exercia um papel castrador e definidor, limitando e impondo formas de domínio, ou ainda, na perspectiva de Marx, era a substituição das relações pessoais por relações de valor. Eram pescadores, não homens, não pais, não filhos, nem mesmo seres humanos. A classificação reduz a realidade a uma epistemologia de domínio.

O segundo passo é a des-confiança para com as formas hegemônicas. Como se relacionavam com a sociedade do texto e com a sociedade atual, que tipo de exclusão propiciam.

Entre *Jesus e eles* há uma relação hegemônica? Toda relação possui uma perspectiva de poder, a questão é que a relação de subjugação pode acontecer da parte do Senhor e da parte dos Servos. Deveríamos então perguntar se Jesus pretendeu uma relação hegemônica? Buscava discípulos para o servir? Será que o sentido do termo discipulado está orientado por uma episteme de controle? Será que o chamado para seguir implicava em discipulado e subjugação? A relação de poder nesse texto parece apontar em sentido oposto, para o empoderamento, para a desobediência epistêmica. Seguir Jesus era aceitar uma outra história possível.

O termo *Pescadores de homens* representa uma nova episteme, uma nova possibilidade. O apelo a libertação da estrutura de poder. Pescadores de homens é uma inversão ideológica na estrutura de poder. Possibilidade de empoderamento, de des-classificação, provocação à desconfiança das estruturas de poder que confinaram o ser a uma classe sem poder. A reconstrução do olhar de si mesmo, o rompimento com o olhar do opressor e a possibilidade de novas utopias, novos projetos.

Em terceiro, a des-obediência ressalta as epistemes dominadoras e sua relação com a sociedade do texto e a atual. Nesse passo é importante perceber formas de obediência epistêmica e sua relação com a sociedade.

O termo *sigam-me* também possui uma nova perspectiva. Não é uma subjugação, mas empoderamento. Não a realização da esperança messiânica de ser resgatados, mas a identificação do messias em cada um de nós. É o empoderamento, a nova história possível em que somos capazes de seguir a Cristo. A desobediência epistêmica, a capacidade de se libertar das verdades absolutas impostas por estruturas externas.

As possibilidades de reconstruir as leituras sem as imposições epistêmicas abrem espaço para novas interpretações que reais e legítimas da sociedade.



## CONCLUSÃO

A proposta principal desse trabalho foi provocar o leitor à reflexão das possibilidades de leitura sociológica da Bíblia a partir de considerações pós/des-coloniais.

Primeiro, é preciso ter ciência das estruturas totalizadoras que influenciam nossa condição desde a invasão das Américas. O eurocentrismo se impõe às “ex-colônias” pela episteme de controle da sociedade. Não é possível se esquivar da responsabilidade crítica e continuar lendo a sociedade com os olhos dos invasores. Essa colonialidade está presente e exerce controle sobre as formas de ser, de saber e de poder. É preciso construir uma perspectiva de leitura sociológica da Bíblia que de conta da pluralidade e diversidade da nossa história.

Nessa empreitada questionamos o método e propomos a possibilidade de um caminho de leitura sociológica pós/des-colonial. Essa leitura não pretende ser uma nova episteme de controle, ou um novo valor universal, mas apenas abrir outros caminhos possíveis. Para isso foi apresentado o filtro da des-classificação, que propõe a verdade como realidade plural. O filtro da des-confiança hegemônica, que entende os perigos das estruturas de poder ocultas nos discursos, e o filtro da des-obediência epistêmica, que procura pensar uma nova história possível livre das estruturas de poder.

A formação de uma consciência crítica para nossa realidade precisa desse processo descolonial para realidades que ainda respiram com força o eurocentrismo.

## BIBLIOGRAFIA

- ALICE CES. SANTOS, Boaventura de Souza. 2016\_Master Class #1 - Epistemologias do Sul: Desafios Teóricos e Metodológicos. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=q75xWUBI8aY>>. Acesso em 01/10/2016.
- ALICE CES. SANTOS, Boaventura de Souza. 2016\_Master Class #2 - É possível descolonizar o marxismo? Capitalismo, colonialismo e patriarcado. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=79rUpXLI\\_NI](https://www.youtube.com/watch?v=79rUpXLI_NI). Acesso em 15/09/2016.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. Revista Brasileira de Ciências Políticas. Brasília, no.11,p.92, 2013.
- GOTTWALD, Norman. As Tribos de Javé: Uma sociologia da religião de Israel liberto 1250-1050 a.C. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 29.
- QUIJANO, Anibal. Colonialidade Del Poder y Classificacion Social. Journal of world-systems research, vl. 2, p. 342-386, 2000.
- \_\_\_\_\_. Colonialidad Del Poder, Globalización y Democracia. Observatorio de Economía Social solidaria y popular. Universidade San Marcos. Disponível em < <http://economiasolidarias.unmsm.edu.pe/?q=art-culos/colonialidad-del-poder-globalizaci-n-y-democracia>> Acesso em 20/10/2016.
- \_\_\_\_\_. Colonialidad del Poder y Des/Colonialidad del Poder. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. 04/09/2009. Disponível em <http://www.ceapedi.com.ar/imagenes/biblioteca/libros/51.pdf>.
- RAMOS, Guerreiro. A Redução Sociológica. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996. p.11.
- SPIVAC, Gayatri Chakravorty. Pode o Subalterno Falar? Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- TED. Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>>. Acesso em 01/10/2016.
- THISSEN, Gerd. Sociologia da Cristandade Primitiva. Série: Estudos Bíblico-Teológicos NT. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 10.

Recebido em: 27/04/2017  
Aprovado em: 24/11/2017